

CAMILO CASTELO BRANCO

O MORGADO

DE FAFÉ



**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

CAMILO CASTELO BRANCO  
O MORGADO  
DE FAFE



O MORGADO DE FAFE EM LISBOA  
O MORGADO DE FAFE AMOROSO

Edição de Ângela Correia, Mafalda Pereira e Patrícia Franco

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

LISBOA - 2018

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.  
Av. de António José de Almeida  
1000-042 Lisboa

[www.incm.pt](http://www.incm.pt)  
[www.facebook.com/impresnanacional](https://www.facebook.com/impresnanacional)  
[editorial.apoiocliente@incm.pt](mailto:editorial.apoiocliente@incm.pt)

Design da coleção: Undo  
Paginação e capa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda  
Impressão: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Papéis: Chromocard, 260 g, e Coral Book Ivory, 90 g  
Tipos de letra: Znikomit e Minion Pro

1.ª edição: dezembro de 2018  
ISBN: 978-972-27-2681-8  
Depósito legal: 438554/18  
Edição n.º 1022423

# O MORGADO DE FAFE EM LISBOA

COMÉDIA EM 2 ATOS

por

CAMILO CASTELO BRANCO

REPRESENTADA NO TEATRO DE D. MARIA II

*Personagens:*

O BARÃO DE CASSURRÃES

A BARONESA DO MESMO TÍTULO

D. LEOCÁDIA, filha do Barão

O MORGADO DE FAFE, ANTÓNIO DOS AMARAIS TINOCO

LUÍS PESSANHA

FRANCISCO DE PROENÇA

JOÃO LEITE

ANTÓNIO SOARES

UM JUIZ

UM ESCRIVÃO

DAMAS, denominadas 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup>

ATO I

*Sala ricamente guarnecida. Algumas mesas ocupadas por pessoas que jogam.*

CENA I

BARÃO E BARONESA DE CASSURRÃES, D. LEOCÁDIA, AS TRÊS DAMAS,  
LUÍS PESSANHA, E FRANCISCO DE PROENÇA

*(Ao correr do pano ouvem-se as últimas notas do alegre de uma ária que D. Leocádia canta acompanhando-se ao piano.)*

VOZES *(dos que jogam e dos que estão na frente da cena.)* — Muito bem! excelentemente! deliciosamente, minha senhora!

PESSANHA *(a D. Leocádia, que sai do piano.)* — Cantou angelicamente, prima Leocádia.

PROENÇA — E o anjo que cantava só podia ser dignamente acompanhado pelo anjo que tocava.

D. LEOCÁDIA — Já ouviram cantar os anjos?

PESSANHA — Em sonhos, já. Ouvem-se os anjos em sonhos, quando adormecemos com a alma cheia da voz melodiosa da mulher amada.

A BARONESA (*à parte*<sup>1.</sup>) — Que palavreado!

PESSANHA — V. Ex.<sup>as</sup>, se nunca ouviram em sonhos as harmonias dos anjos, é que ainda não amaram daquele amor que nos repassa a alma das músicas de Anfião e Orfeu.

D. LEOCÁDIA (*irónica.*) — Sublime, magnífico, primo!

1.<sup>a</sup> DAMA — Os meus anjos cantam muito desafinados.

2.<sup>a</sup> DAMA — Os meus constipam-se nos gelos da alma.

A BARONESA — Isso parece-me esquisito, menina... Torna a dizer, Cassilda.

PROENÇA — Foi uma bela ideia, a de sua sobrinha, Sr.<sup>a</sup> Baronesa... (*À 3.<sup>a</sup> dama.*) E os anjos de V. Ex.<sup>as</sup>?

3.<sup>a</sup> DAMA — Os meus foram todos escriturados para cantarem no coração da prima Leocádia.

D. LEOCÁDIA — Ai! Estás enganada, Carolina... Eu já não creio em anjos... Estou cética, estranhamente cética.

PESSANHA — Cética, prima!? Que blasfémia! Isso é desagradecer o raio de graça com que a Providência lhe alumia o que para outras almas se esconde em trevas.

A BARONESA — Ó primo Pessanha, não esteja a fazer vaidosas estas meninas.

PESSANHA — A vaidade, prima Baronesa, é um adorno das almas distintas, quando se não vangloria em deslumbrar a vaidade alheia.

# O MORGADO DE FAFE AMOROSO

COMÉDIA EM 3 ATOS

por

CAMILO CASTELO BRANCO

REPRESENTADA NO TEATRO DE D. MARIA II



*Personagens:*

MORGADO DE FAFE, Teodorico

JOÃO ÁLVARES, Santos

BERNARDO DA GAMA, César

PÔNCIA DO ROSÁRIO, Delfina

HEITOR FALCÃO, Domingos

D. HERMENIGILDA FALCÃO, Emília Letroublon

D. VICÊNCIA, Emília Adelaide

QUATRO SUJEITOS.

UM CRIADO DE HOTEL.

ROMEIROS E ROMEIRAS.

UM TOCADOR DE REALEJO.

A cena passa-se na Foz do Porto em 1862.

ATO I

*Vista de sala com seis portas laterais e janelas.*

CENA I

JOÃO ÁLVARES E PÔN CIA

*(João Álvares anda, pé ante pé, espreitando à fechadura das portas laterais. Traja robe de chambre, e lenço branco atado à cabeça.)*

PÔN CIA *(entrando por uma das portas da direita.)* — Credo!... O Sr. João anda assim vestido à fresca! Isso é feito! Olha que preparo!... Valha-o Deus! Suou três camisas, e pranta-se aí com o cadáver ao ar!...

JOÃO — Diz bem, tia Pôn cia. Isto já não é senão um cadáver, lançado à margem, e exposto aos corvos e abutres das paixões carnívoras.

PÔN CIA — Que está aí a alanzoar o Sr. João? Vá-se vestir, ande! Agasalhe-me esse peito, que eu vou dizer ao estalajadeiro que lhe dê de almoçar. É preciso comer!... Leve o demo as paixões que o puseram na espinha!

JOÃO — Comer, tia Pôn cia! O que é comer sobre a face da terra, quando a vida vegetal paralisou! O meu alimento é o absinto das

## NOTA EDITORIAL

As peças de teatro em que o morgado de Fafe é protagonista não foram a estreia de Camilo Castelo Branco na escrita para teatro, nem serviram de epílogo a esta atividade<sup>1</sup>. A primeira encenação de *O Morgado de Fafe em Lisboa* estreou-se a 18 de fevereiro de 1860 no Teatro de D. Maria II, com o ator João Anastácio Rosa<sup>2</sup> no papel principal. O êxito foi tal que se seguiram 27 representações na mesma temporada e, depois, muitas reposições.

Não corriam tempos fáceis para Camilo, no entanto. Poucos meses antes da estreia, Ana Plácido tinha abandonado o marido para se juntar a Camilo em Lisboa. E tinham passado menos de quatro meses da estreia, quando, no início de junho, a amante do escritor é presa e Camilo anda a monte. Apenas decorrido o verão,

---

<sup>1</sup> Luís Francisco Rebelo, «Nota preliminar», Camilo Castelo Branco, *Teatro*, III, Parceria A. M. Pereira, Lisboa, 1971, p. VII-VIII. Para um levantamento completo da atividade de Camilo Castelo Branco como dramaturgo, veja-se Carlos Paulo Martínez Pereira, *O Morgado de Fafe em Lisboa. O Morgado de Fafe Amoroso*, A Coruña: Biblioteca Arquivo Teatral «Francisco Pillado Mayor», 2008, pp. 16-17.

<sup>2</sup> Luís Francisco Rebelo considera este ator (1812-1884) «uma das glórias do teatro romântico em Portugal» (*idem*, p. IX, nota 9). Camilo haverá no entanto de queixar-se do trabalho de Anastácio Rosa na representação desta peça: «O insigne actor Rosa, por sustentar em cena o meu 'Morgado de Fafe', agalegou-o. Com que nevralgias de coração via eu as graçolas portuguesas do meu jovial personagem injuriadas pela pronúncia, como se a graça fosse exclusivo de Galiza, ou lisboetas só de chalaças galegas pudessem rir!» (Carta de Camilo Castelo Branco citada por Carlos Paulo Martínez Pereira, *idem*, p. 20.)

## APARATO CRÍTICO

### O Morgado de Fafe em Lisboa

- <sup>1</sup> À parte ] Aparte *na 2.<sup>a</sup> ed.*
- <sup>2</sup> Olhe, primo Luís Pessanha, eu, como falo a linguagem deste mundo, ] Olhe primo Luís Pessanha, eu como falo a linguagem deste mundo, *na 1.<sup>a</sup> e na 2.<sup>a</sup> ed.*
- <sup>3</sup> cerimoniosa ] cerimoniaosa *na 2.<sup>a</sup> ed.*
- <sup>4</sup> Que ratão! ] Que ratão. *na 2.<sup>a</sup> ed.*
- <sup>5</sup> pelos modos, ] pelos modos *na 2.<sup>a</sup> ed.*
- <sup>6</sup> A. Soares ] Soares *na 2.<sup>a</sup> ed.*
- <sup>7</sup> A Soares, que lhe oferece ] A Soares que lhe oferece *na 2.<sup>a</sup> ed.*
- <sup>8</sup> A. Soares ] Soares *na 2.<sup>a</sup> ed.*
- <sup>9</sup> cerimonia ] cerimonia *na 2.<sup>a</sup> ed. (variante frequente, que se deixa de assinalar)*
- <sup>10</sup> doce à direita ] doce na direita *na 2.<sup>a</sup> ed.*
- <sup>11</sup> Ágora ] Agora *na 2.<sup>a</sup> ed.*
- <sup>12</sup> A. Soares ] Soares *na 2.<sup>a</sup> ed.*
- <sup>13</sup> intendamos ] entendamos *na 2.<sup>a</sup> ed.*
- <sup>14</sup> inxergo ] enxergo *na 2.<sup>a</sup> ed.*
- <sup>15</sup> encontrar ] encontrarar *na 2.<sup>a</sup> ed.*
- <sup>16</sup> ousa na ] ousa inda *na 2.<sup>a</sup> ed.*
- <sup>17</sup> como eu ] como eu, *na 2.<sup>a</sup> ed.*
- <sup>18</sup> barão. Ora ] barão, Ora *na 2.<sup>a</sup> ed.*
- <sup>19</sup> das suas ] da suas *na 2.<sup>a</sup> ed.*

## ÍNDICE

- 7 O MORGADO DE FAFE EM LISBOA
- 67 O MORGADO DE FAFE AMOROSO
  
- 149 NOTA EDITORIAL
- 161 CRÓNICA DE JÚLIO CÉSAR MACHADO
- 163 APARATO CRÍTICO

Um grande divertimento. Este morgado de Fafe rivaliza com o mais famoso Calisto Elói de Silos e Benevides de Barbuda de *A queda dum anjo*, além disso capaz de resgatar do esquecimento o teatro de Camilo, exaltando o de comédia.

Abel Barros Baptista

edição crítica  
CAMILLO  
CASTELO  
BRANCO

ISBN 978-972-27-2681-8



9 789722 726818